

Regatões e comerciantes na fronteira do rio Abunã/Amazônia⁷

Peddlers on the border river Amazonia/Abunã

Regatos y comerciantes en la frontera del río Abunã/Amazonia

José Rubisten da Silva⁸

RESUMO: Neste artigo, analisamos a ação dos regatões na fronteira do Brasil com a Bolívia, ao longo do rio Abunã e seus afluentes, nas décadas de 1910 a 1940. Esses agentes comerciais desenvolveram suas atividades no interior das unidades produtivas da economia da borracha, a partir das brechas deixadas pelo sistema de aviação na Amazônia. Assim, para o desenvolvimento desse trabalho, realizamos levantamento bibliográfico de autores e obras que trataram do tema em questão, bem como, analisamos entrevistas orais realizadas com atores sociais que exerceram várias atividades nos seringais do vale do rio Abunã. O comércio da borracha definiu o padrão sócio-espacial do interior da Amazônia, enquanto que a presença dos regatões caracterizou-se como um novo componente (do complexo do seringal), peculiar na paisagem na região. Esses mascates fluviais, inicialmente, praticavam o escambo com os nativos da Amazônia, trocando bugigangas com produtos regionais. Essa realidade atraiu centenas de estrangeiros que desenvolveram o comércio de regateio na região. A grande extensão do vale do rio Abunã isolou os seringais, permitindo a ação dos regatões. Os vínculos comerciais eram múltiplos, onde parte dos regatões representavam as casas aviadoras de Belém e Manaus, ou trabalhavam por conta própria. Assim, os mascates itinerantes estabeleceram complexas relações comerciais com as populações ribeirinhas, tendo que enfrentar a oposição de vários seringalistas (e às vezes, da Igreja). Em outros casos, estavam a serviço de algum seringalista-comerciante regional. Alguns regatões estabeleceram relações comerciais clandestinas com seringueiros que violavam os regulamentos dos seringalistas. A majoração das mercadorias garantia altos lucros aos mascates fluviais. No entanto, os mascates tiveram uma participação importante no contexto economia da borracha, pois, em suas pequenas embarcações desafiavam todas as adversidades geográficas para abastecerem os seringais, vilas e povoados na fronteira do Brasil com a Bolívia. Com a decadência da economia extrativista, o desenvolvimento das cidades e a construção de rodovias, esta atividade perdeu a importância na região.

PALAVRAS CHAVE: Regatão; Fronteira; Abunã; Amazônia.

ABSTRACT: In the present paper we examined the action of the river merchants on Brazil's border with Bolivia along with Abunã river, in the period from 1920 to 1940. These commercial agents have developed their business activities within the production units of the rubber from the gaps left by the dispensing system in the Amazon. Thus, for the development of this work, we made a bibliography research of authors and works that address the issue in question, as well as we analyzed oral interviews conducted with social actors who have had several activities in the rubber plantations in the region of Abunã river. The rubber trade has set the standard social space in the interior of the Amazon, while the presence of the river merchants were characterized as a new component in the peculiarity of the region. Initially these peddlers river practiced a barter trade with the natives of the Amazon, exchanging trinkets for regional products. This reality has attracted hundreds of foreigners who have developed a bargain trade in the region. The vast Abunã river valley has isolated the seringais, allowing the action of the river merchants. The trading bonds were multiples, and part of the river merchants represented the dispensing houses in Belém and Manaus, or were self-employed. Thus, the itinerant peddlers established complex trade relations with the population who lived near the river, facing, this way, the seringalistas's opposition. In some cases they were in charge of a regional seringalista's trade. Some river merchants established a clandestine trade relation with the rubber tappers who used to break the seringalistas's regulations. The majority of goods guaranteed to the river merchants a high profit. However, the peddlers had an important role within the rubber economy, because in their small boats they defied all the geographic difficulties to fill up towns and villages on the border between Brazil and Bolivia. With the decline of extractive economy and with the cities development, this activity diminished in importance along the region.

KEY-WORDS: Peddlers; Border; Abunã; Amazônia.

RESUMEN: En este artículo, analizamos la acción de los regatones en la frontera de Brasil con Bolivia, a lo largo del río Abunã y sus afluentes, en las décadas de 1910 a 1940. Estos agentes comerciales desarrollaron sus actividades en el interior de las unidades productivas de la economía del caucho, a partir de las brechas dejadas por el sistema de aviado en la Amazonia. Así, para el desarrollo de ese trabajo, realizamos levantamiento bibliográfico de autores y obras que trataron del tema en cuestión, así como, analizamos entrevistas orales realizadas con actores sociales que ejercieron varias actividades en los seringales del valle del río Abunã. El comercio del caucho definió el patrón socio-espacial del interior de la Amazonia, mientras que la presencia de los regatones se caracterizó como un nuevo componente (del complejo del seringal), peculiar en el paisaje en la región. Estos mascates fluviales, inicialmente, practicaban el escambo con los nativos de la Amazonia, intercambiando baratijas con productos regionales.

⁷ Submetido 12 de dezembro de 2017.

⁸ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR - Licenciatura Plena em História e Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela UNIR - Especialização em Geoprocessamento pela UNIRON – Professor da Rede Pública Estadual - SEDUC/RO. E-mail: rubinstein16@bol.com.br.

Esta realidade atrajo a cientos de extranjeros que desarrollaron el comercio de regateo en la región. La gran extensión del valle del río Abunã aisló los seringales, permitiendo la acción de los regatones. Los vínculos comerciales eran múltiples, donde parte de los regatones representaban las casas aviadoras de Belém y Manaus, o trabajaban por cuenta propia. Así, las masas itinerantes establecieron complejas relaciones comerciales con las poblaciones ribereñas, teniendo que enfrentarse a la oposición de varios seringalistas (ya veces de la Iglesia). En otros casos, estaban al servicio de algún seringalista-comerciante regional. Algunos regatones establecieron relaciones comerciales clandestinas con caucheros que violaban los reglamentos de los seringalistas. El incremento de las mercancías garantizaba altos beneficios a los mascates fluviales. Sin embargo, los mascates tuvieron una participación importante en el contexto económico del caucho, pues, en sus pequeñas embarcaciones desafiaban todas las adversidades geográficas para abastecer los seringales, villas y pueblos en la frontera de Brasil con Bolivia. Con la decadencia de la economía extractivista, el desarrollo de las ciudades y la construcción de carreteras, esta actividad perdió la importancia en la región.

PALABRAS CLAVE: Regatón; frontera; Abuna; Amazonas.

1. INTRODUÇÃO

O comércio da borracha definiu o padrão sócio-espacial do interior da Amazônia, enquanto que a presença dos regatões nos rios e igarapés, com suas pequenas canoas ou batelões, caracterizavam-se como um novo componente (do complexo do seringal), peculiar da paisagem na região. Seus pequenos barcos penetravam em rios, cujas embarcações de grande calado não poderiam navegar. Desafiavam todas as adversidades geográficas e riscos ao navegarem em trechos repletos de corredeiras e cachoeiras.

A ocupação territorial do oeste amazônico e a penetração em direção aos altos rios possibilitaram o povoamento de áreas ribeirinhas, caracterizadas por grande dispersão espacial. Surgiram assim, núcleos isolados (vilas e povoados) motivados pela exploração dos seringais no vale amazônico.

Os extensos rios como Madeira, Abunã e Juruá, tornaram-se importantes vias de acesso e de transporte para abastecimento de seringais, vilas e povoados do Noroeste Amazônico. Também contribuía para facilitar a mobilidade de homens e mercadorias na região. Por outro lado, os vastos e distantes vales acabaram isolando os seringais, permitindo a ação dos regatões. Esses mascates fluviais, inicialmente, praticavam o escambo com os nativos da Amazônia, trocando bugangas com produtos regionais como guaraná ou salsaparrilha.

Essa realidade atraiu centenas de sírio-libaneses, que passaram a desenvolver o comércio de regateio na região. Foi esse mercador que disseminou o sistema de crédito para as populações ribeirinhas da Amazônia. Esse modelo de comércio creditício era baseado em compromissos recíprocos e/ou na confiança. Esses comerciantes itinerantes viajavam por vastas regiões do interior da Amazônia, estabelecendo variadas e complexas relações sociais e comerciais com as populações locais. Com a escassez de moeda era comum a permuta de mercadorias industrializadas por produtos regionais. Por outro lado, a majoração das mercadorias, garantia consideráveis lucros aos mascates fluviais.

No entanto, sua presença gerou inúmeros conflitos na rede de aviação da borracha, pois, tiveram que enfrentar a oposição de seringalistas e seus comandados. Era comum na região seringueiros violarem os compromissos com seu patrão ao estabelecer relações comerciais clandestinas com os regatões. As normas ou regulamentos eram transgredidos, mesmo com o rígido controle das casas aviadoras e seringalistas da região. Em certas ocasiões, alguns regatões mais audaciosos faziam concorrência ou tomavam os fregueses dos seringalistas. Suas práticas comerciais eram discriminadas por vários seguimentos da sociedade regional, principalmente por parte da cúpula da Igreja Católica regional. O anti-semitismo era a mais evidente forma de discriminação que os mascates enfrentavam. Eram acusados pelos missionários de aliciarem ou praticarem violência contra as comunidades indígenas. Também não eram benquistos pelos comerciantes municipais ou localizados nas vilas e povoados, por considerá-los concorrentes desleais.

A ação dos regatões no rio Abunã (fronteira do Brasil com a Bolívia) já ocorria desde 1914, e se desenvolveu paralelamente à economia da borracha. O advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) impulsionou o novo surto da borracha, possibilitando assim, um espaço de operação para os mascates fluviais.

2. PRIMÓRDIOS DO REGATEIO NA AMAZÔNIA

Na Amazônia a prática do aviamento foi desenvolvida desde o período colonial, ao longo da bacia do rio Amazonas e seus subafluentes, para a obtenção de produtos nativos como as drogas do sertão. Nesse sentido, SANTOS (1980) asseverou que:

Desde os tempos da Colônia, porém, um regime de crédito informal vinha se esboçando. Naquela época, o negociante sediado em Belém supria de mantimentos a empresa coletora das “drogas do sertão”, para receber em pagamento, ao fim da expedição, o produto físico recolhido. Essa modalidade de financiamento ficou conhecida com o nome de *aviamento*, uma espécie de crédito sem dinheiro. Ela será o embrião de um grande mecanismo que pôs a funcionar toda a economia amazônica da fase da borracha e que persiste ainda em nossos dias, se bem que modificado e com importância atenuada. (Santos, 1980, p. 156).

Foi a partir daí que se materializou as relações comerciais da sociedade mercantil do Brasil com as áreas de desenvolvimento do escambo no interior da Amazônia. Por outro lado, o aviamento emergiu a partir da experiência portuguesa, que se consolidou por meio da exploração do excedente econômico da atividade extrativa e impulsionado pelo capitalismo industrial exógeno. Assim, um novo personagem veio a compor paisagem da região e introduzir um modelo de troca importado e depois reinventado para ser adaptado as especificidades econômicas, sociais e geográficas da Amazônia. Ao descrever a presença dos regatões no espaço amazônico, TOCANTINS (1982) concluiu que:

A canoa criou uma figura que até hoje perdura na paisagem social amazônica, expressando o caráter da geografia, com a marca dominante da água: o regatão. Evoluindo do tipo comum de comerciante para um estágio de trabalho mais desenvolvido, mais complexo, que demandava certas artes e habilidades de espírito, o ofício, primeiro, foi português, e depois acabou por ser, já no século XIX, ofício da preferência do turco, do sírio-libanês, povos que se notabilizaram como o mascate original e típico da Amazônia. (Tocantins, 1982, p. 69).

Nessa região os regatões estabeleceram relações comerciais múltiplas e complexas com as populações ribeirinhas, comunidades indígenas, seringueiros, seringalistas, comerciantes municipais e comerciantes de vilas e povoados. Essas relações, dependendo da época ou região, poderiam ser harmônicas ou conflituosas.

Figura 1 - Esquema das relações sócioeconômicas e espaciais no vale do rio Abunã.



Fonte: Org. José Rubisten da Silva

No entanto, a rede de relações peculiares variava em conformidade com a situação, circunstâncias ou interesses dos agentes envolvidos. Assim,

A existência de grandes e de pequenas unidades de produção que estavam envolvidas com uma combinação de agricultura, caça, pesca e extração de múltiplos produtos como frutos, fibras e resinas da floresta se articulava, por sua vez, com o capital comercial disperso, os regatões, que conectava amplos espaços da Amazônia às vilas e cidades por meio tanto do comércio como do aviamento. (Gonçalves apud Gonçalves, 1998, p.73).

Os regatões se articulavam com todos os segmentos sociais e produtivos ribeirinhos, e mesmo “inconscientes” de sua importância, contribuíam para sobrevivência e manutenção de suas atividades em um meio distante, hostil e selvagem como os grandes vales Amazônicos.

A despeito dos contatos dos regatões com as comunidades indígenas, era comum a circulação desses mascates nas aldeias ribeirinhas. Na oportunidade os regatões aviavam essas comunidades com estivas, ferramentas, além de artefatos e utensílios que impressionavam e atraíam o interesse dos nativos. Por outro lado, representava a única alternativa para escoamento dos produtos indígenas para as cidades centrais como Manaus e Belém.

Porém, o contato dos regatões com as comunidades indígenas foi objeto de crítica dos missionários desde o período imperial, por considerar o regateio uma atividade marginal e prejudicial aos nativos. Para termos uma idéia dessa situação, HUGO (1991) mencionou um Ofício do Bispo do Pará Dom Antônio Macedo Costa ao Ministro do Império em 21/XII/1865:

Artigo 6º(sexto) - As transações dos Índios com os negociantes denominados regatões terão lugar sob a imediata inspeção dos Missionários, ou de pessoas de confiança, por eles delegadas para isto. Esta precaução é da mais alta importância. São os regatões negociantes de pequeno trato, que em canoas penetram até aos mais remotos sertões para negociarem com os Índios. É difícil imaginar as extorsões e injustiças que a mor parte deles cometem aproveitando-se da fraqueza ou ignorância desses infelizes. (Hugo, 1991, p. 190).

Como se viu, a presença dos regatões junto às aldeias indígenas, não contava a aprovação da igreja católica, que buscava de todas as formas impedir ou controlar as transações comerciais estabelecidas. E a respeito dos contatos dos regatões com os seringueiros, HUGO (1991), tinha a seguinte opinião pejorativa:

O regatão era, pois, e talvez o seja ainda presentemente, a mais nefasta das embarcações, pela qual o seringueiro defraudava o patrão, enquanto a balança do regatão nunca prejudicava para menos de 40 ou 50%, encarecendo astronomicamente as mercadorias trocadas. (Hugo, 1991 p. 191).

A presença dos regatões nos vastos vales amazônicos, também não era bem quista pelos seringalistas, por afetar seus interesses econômicos e infringir sua territorialidade. Existem relatos em que os seringalistas dificultavam a atividade dos regatões, chegando até mesmo a impedir sua circulação, em rios, onde se localizavam seus seringais: Esses rios:

Em certo período eram “fechados” pelos coronéis e seringalistas para obstar a penetração dos “regatões” e a fuga dos seringueiros em débito com o patrão, estabelecendo, assim, entre o barracão do seringalista e o tapiri do seringueiro relações de caráter tipicamente semi feudais. (Benchimol, 1977, p. 826).

Entretanto, esses mascates agiam clandestinamente, e às vezes, com a conivência de muitos seringueiros com os quais estabeleciam relações de troca de mercadorias por produtos da floresta (drogas do sertão). Pois, o regatão oferecia mercadorias com preços abaixo dos praticados pelos seringalistas. Ao serem surpreendidos os extratores eram advertidos pelo seringalista e poderiam até serem expulsos das colocações. Nessa forma de aviamento, os seringalistas pretenderam neutralizar o agente denominado de regatão, enquanto a circulação de moeda em espécie foi restrita ou inexistente nas negociações com o extrator, pois,

(...) o uso largo do dinheiro na velha economia do escambo transformaria os esquemas tradicionais de troca, não seria de início compreendido e talvez sequer aceito pela população cabloca. Este, um dos motivos por que os negócios de borracha entre a liderança mercantil e os negociantes do interior, embora já contivessem maior índice de participação de dinheiro, continuaram a praticar-se principalmente com base no escambo, servindo a moeda quase tão só como medida de comparação. O tradicional sistema do aviamento era retomado e ampliado. (Santos, p.157, 1980).

Assim, os vínculos comerciais eram múltiplos, sendo que parte dos regatões representavam as casas aviadoras sediadas em Belém e/ou Manaus, ou trabalhavam por conta própria: "... indo aos pontos mais distantes, até onde a firma aviadora, de Belém e Manaus, não podia efetivar sua coordenação e sua presença sem correr risco de perdas muito sensíveis. O regatão, sem medir distância ou perigos, foi até lá". (Goulart, 1968, p. 12). Em outros casos estavam a serviços de algum poderoso seringalista regional. Sendo que por meio do aviamento dos seringueiros da Amazônia, foi possível, aos mascates fluviais, auferirem razoáveis lucros. O seringalista por seu turno, que era aviado pelo comerciante da Capital, e acabava misturando o escambo com o sistema de crédito. De acordo com GOULART (1968):

O sistema de abastecimento dos regatões não obedecia a nenhuma fórmula estratificada; os mais possantes costumavam receber suas cargas diretamente das "casas aviadoras", localizadas estas nas metrópoles de Belém e Manaus; outros, o faziam de comerciantes menores, instalados nestas naquelas cidades ou nas sedes dos municípios. Muitos procuravam abastecer-se nos armazéns de grandes comerciantes, instalados em barracões erguidos nas embocaduras dos rios mais movimentados, em pontos comercialmente estratégicos, o que lhes proporcionava economia de tempo para multiplicação dos giros comerciais. (Goulart, p. 46, 1968).

Não havia um modelo padrão ou homogêneo nas relações desenvolvidas pelos diferentes personagens da economia extrativista na Amazônia, suas relações comerciais e sociais eram criadas e recriadas a bel prazer das circunstâncias, necessidades ou interesses pessoais de cada ator envolvido nas interações.

Certamente, os maiores conflitos ocorriam com os comerciantes municipais do interior da Amazônia na década de 1914. Muitos deles sediados em municípios como Santo Antônio do Alto Madeira (depois Porto Velho/AM), Guajará Mirim/MT, Sena Madureira/AC e Rio Branco/AC, ressentiam a concorrência desleal dos mascates fluviais. Esses últimos, além de não pagarem impostos ao Estado, tinham as melhores condições de acesso às populações ribeirinhas. Assim poderiam auferir maiores lucros, devido ao menor tempo necessário para circulação de suas mercadorias.

Já os comerciantes locais (vilas e povoados), buscavam manter seus privilégios no setor das trocas, pois o escambo disfarçava os altos juros impostos aos seringueiros da região. A troca de mercadorias e utilidades nas áreas mais remotas do vale deixava para cada agente comercial, consideráveis margens de lucro. Esse mecanismo comercial, centralizados em Belém e Manaus, se articulava numa teia de interesses que envolvia diversos agentes: seringueiros, seringalistas, casas aviadoras e empresas exportadoras. Em outro sentido,

Eram os regatões, portanto, os agentes mais assíduos no escoamento dos produtos que, sem as canoas daqueles afoitos mercadejantes, ficariam retidos, por tempo imprevisível, nos locais de origem, em muitos casos sujeitos a deterioração, acarretando, em conseqüência, incalculáveis prejuízos à economia individual e à regional. (Goulart, 1968, p. 36).

As relações dos regatões com o Estado dependiam do jogo político e interesse econômico predominante em cada região e época. Os regatões geralmente infligiam o fisco, sendo difícil para o Estado normatizar e cobrar impostos sobre suas transações comerciais. Apesar desses problemas, o regatão teve seu lugar no contexto do sistema de aviamento da borracha na Amazônia:

Porque o regatão é um produto da sociedade, da economia e da geografia física, social e econômica da região. Sem ele, não sei se o rush da borracha teria sido empreendido

com a velocidade de que as casas aviadoras têm sido consideradas as beneméritas, para explicar-se essa velocidade (Goulart, 1968 p. 12).

O regatão foi imprescindível enquanto supridor das necessidades imediatas dos seringueiros, que às vezes ficavam desabastecidos, em função da incapacidade dos seringalistas aviadores atenderem as demandas da expansão dos seringais no vasto vale Amazônico. Nem sempre o seringalista realizava o aviamento em tempo hábil ou compatível com as necessidades dos extratores. Ainda nesta linha de pensamento GOULART (1968) considerou a importância dos regatões:

Inegável é que, apesar de todas as acusações assacadas contra o regatão, não se pode obscurecer, de sua consciência, a faceta positiva da sua atuação, consubstanciada em vários aspectos, tais como: ampliação do espaço geográfico da Amazônia brasileira; descoberta de tribos ignoradas e aproximação destas com a civilização; escoamento da produção dos núcleos mais distanciados; carreamento de elementos de civilização para as mais recônditas regiões do vale (Goulart, 1968, p. 27).

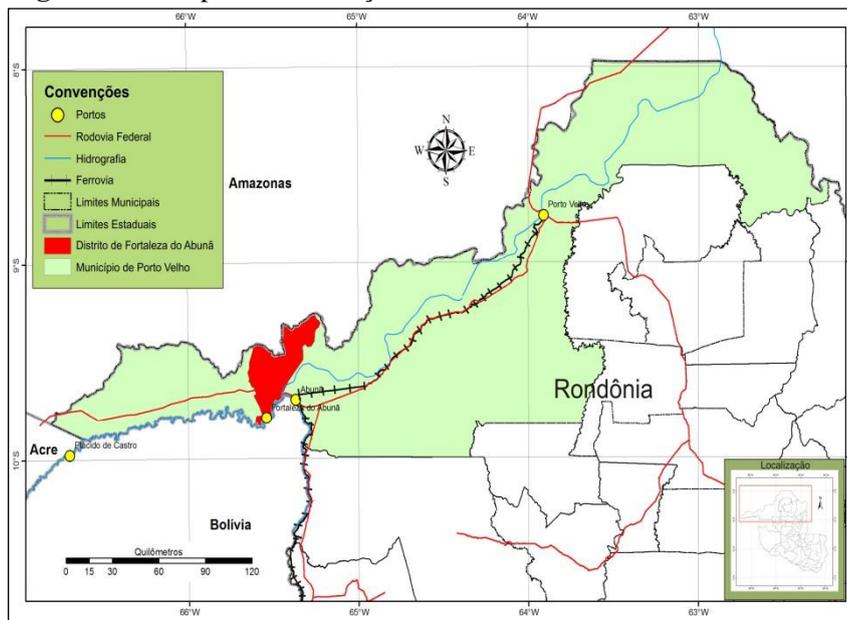
Foi desta forma que esse autor destacou as contribuições dos regatões no desbravamento e expansão territorial do Brasil, na medida em que penetraram em espaços cujo Estado esteve ausente, sendo o único meio de comunicação, de abastecimento e escoamento de produtos das populações indígenas e não indígenas embrenhadas nos confins da floresta Amazônica.

3. A AÇÃO DOS REGATÕES E COMERCIANTES NOS VALES DOS RIOS MADEIRA, GUAPORÉ, MAMORÉ E ABUNÃ.

3.1. Caracterização da Área de Estudo

Localizada no extremo oeste da Amazônia brasileira, Fortaleza do Abunã, hoje, Distrito do Município de Porto Velho no Estado de Rondônia, situa-se à margem esquerda do rio Abunã, afluente do rio Madeira, junto à fronteira boliviana, dista 270 km da Capital. (Cf. FIGURA 02).

Figura 02 – Mapa de localização do Distrito de Fortaleza do Abunã.



Fonte: Org. José Rubisten da Silva. Desenho Cartográfico Michel Watanabe, 2010.

Fortaleza do Abunã, devido sua localização geográfica estratégica, tornou-se um importante entreposto de circulação de mercadorias para o Brasil e a República da Bolívia. E de acordo com os dados do Ministério das Minas e Energia (BRASIL, 1980):

O rio Abunã representa a principal via fluvial pela margem esquerda do rio Madeira. Estabelece a fronteira natural entre Rondônia-Bolívia e Acre-Bolívia. Suas cabeceiras estão situadas no extremo sudoeste da bacia sedimentar Amazônica, na cidade de Francisco Alves, Estado do Acre. Possui uma extensão superior a 200 km e largura de até 50 m, sendo seu leito bastante encaixado com barrancas de alturas superiores a 10m. Seu curso tem um sentido geral oeste e, como os demais rios da região, está controlado por efeitos tectônicos, predominando fraturamentos noroeste-sudeste. O seu principal afluente é o rio São Sebastião, pela margem esquerda de sentido sul. (Brasil, 1980).

Nessa via fluvial ocorreu intensa circulação de embarcações de pequeno calado indispensáveis para o abastecimento dos seringais e escoamento da produção de borracha. Inicialmente, a prática do aviamento no vale do Rio Abunã, ocorria por meio de cooptação das comunidades indígenas para obtenção de produtos da floresta. Esse fato pode ser constatado na obra de Lauro Palhano: “Isto acontece quando Ponciano, voltando a Abunã, em plena selva, traz juntamente com o aviamento, encomendado pelo tuchau Macuti (Chefe da pobre nação Caxarari, já em processo de extinção) um gramofone de presente.[...] (Palhano *apu* Tinhorão, 2000, p. 192)”.

A expansão da economia extrativista da borracha na Amazônia atraiu muitos estrangeiros que buscavam consolidar o sonho de enriquecimento nos diferentes ofícios subsidiários à atividade extrativista, principalmente o comércio para o abastecimento dos seringais existentes nos altos rios do grande Vale amazônico. A atividade econômica e informal de regatão no Vale Amazônico era bastante atrativa, principalmente aos imigrantes estrangeiros.

A atividade de regatão era atrativa por gerar significativos lucros para aqueles que assumiam todos os custos e riscos ao desafiarem todas as adversidades geográficas representadas pelos distantes afluentes ou tributários dos principais rios da Amazônia. Tratava-se de regiões de difícil acesso, mas possuíam áreas ricas em *hévea* propícia para implantação de novos seringais.

Desde a República Velha (1889-1930), o governo do Brasil já tinha preocupações com a circulação de estrangeiros nas fronteiras da Amazônia. Em 1914 Pedro Torres Leite (Inspetor da Alfândega de Manaus) realizou uma expedição de reconhecimento da circulação de mercadorias na fronteira do Brasil com a Bolívia. Na oportunidade descreveu a paisagem nas circunscrições da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, destacando que a partir de Santo Antônio do Rio Madeira existia apenas três localidades povoadas Abunã, Villa Murtinho e Guajará Mirim:

São pequenas aldeias, com uma centena de casas de palha, cuja população é composta quase exclusivamente de bolivianos, turcos e barbadianos, sendo os comerciantes, na maioria, turcos, gente que vive exclusivamente de contrabandos. Nestes lugares não existem postos fiscaes federais, são pontos completamente indefesos, ao passo que as povoações bolivianas Manôa, Villa Bella e Puerto sucre, que estão em correspondência com as povoações brasileiras, nas margens dos rios Madeira e Mamoré, acham-se providas de Alfândegas ou Postos Aduaneiros, que arrecadam os direitos de importação das mercadorias recebidas em transito pelo Brasil e os impostos de exportação da borracha exportada também em transito pelas alfândegas de Manáos e Pará. (Leite, 1924, p. 05).

A presença dos bolivianos era predominante nessas localidades de fronteira, enquanto os e turcos se destacavam na atividade de regateio. No mesmo relatório, o fiscal aduaneiro enfatizou que:

Em pequenas embarcações a remos são transportadas as mercadorias pelos rios Madeira, Abunã, Mamoré, Guaporé e outros e vendidas ou permutadas por borracha nos barracões situados às margens brasileiras e bolivianas dos mesmos rios, sem o menor embaraço, o mais naturalmente possível. (Leite, 1924, p. 06).

Esse fato evidenciava a grande preocupação do fiscal do Estado, quanto ao contrabando existente na fronteira do Brasil com a Bolívia, tendo os elementos estrangeiros como principais

responsáveis. Para as autoridades da época, essas irregularidades resultavam em significativos prejuízos para a Fazenda Nacional, e a necessidade da instalação de alfândegas nas localidades brasileiras de Abunã, Villa Murinho e Guajará Mirim, até mesmo para facilitar o comércio boliviano.

Desde a década de 1920, o rio Abunã tem sido uma importante via de acesso ao território do Acre, utilizado por dezenas de casas aviadoras nacionais e internacionais interessadas na exploração dos produtos regionais. Foi nesse contexto que, no início da década de 1920, um contingente significativo de sírios libaneses migrou para a Amazônia, com escalas em Belém e Manaus, para adentrarem em regiões dos altos rios no exercício da atividade de regatão. A experiência dos sírios libaneses para o desenvolvimento dessa atividade comercial se explica pelas tradições de seus antepassados que, desde os tempos mais remotos, aprimoraram esse ofício em longas distâncias. Ao mencionar esses migrantes estrangeiros, TOCANTINS (2000), concluiu que,

De todas as figuras regionais que o comércio estimulado pela borracha veio firmar no panorama social da Amazônia, incontestavelmente foi o regatão a mais pitoresca. Turco, sírio, libanês, o mascate feito navegante por imposição da geografia, vara os rios, furos, igarapés, na sua original canoa ou pequeno batelão movido a remo de faia (Tocantins, 2000, p.195).

Foi neste contexto que Israel Isaac, migrante do Marrocos, chegou à Amazônia na década de 1850 para se dedicar à atividade de regatão na região do Tapajós. No retorno da viagem trazia diversos produtos regionais dos seringais do Baixo Amazonas, principalmente borracha. Posteriormente, com a instalação dos seringais no vale do Abunã, Israel Isaac tornou-se sócio do seringalista Octávio Reis. Em sua trajetória:

Aos 21 anos, seguiu para o Acre, trabalhando inicialmente como empregado no barracão do seringal de Salomão Mello & Cia. e, depois como guarda-livros de vários seringais. Assim que economizou bastante, comprou a lancha Netuno e tornou-se regatão no rio Antimary. De regatão, passou a sócio do coronel Octávio Reis na exploração dos seringais Porto Luiz e Guarapari, no rio Abunã, na fronteira com a Bolívia [...]. (Benchimol *apud* Marcovitch, 2003, p. 235).

Como podemos perceber, o comércio fluvial com os seringais da Amazônia, possibilitava a mobilidade funcional e ascensão social e econômica desses mascates. As atividades dos marreteiros fluviais perduraram por décadas na Amazônia, coexistindo e sobrevivendo a todas as transformações da economia gomífera.

Outro exemplo foi o migrante libanês Victor Sadeck (naturalizado brasileiro) que aos 16 anos, em uma canoa a remo e coberta de palha, exerceu a atividade de comerciante ambulante no Alto Madeira e no rio Abunã (década de 1920), fornecendo mercadorias em troca de borracha com os principais seringais na fronteira com a Bolívia:

Com apenas algumas viagens que lhe renderam um lucro regular, decidiu-se pelo arrendamento de uma lancha a vapor “SERAPIÃO”, para ampliar seu comércio e ampliar suas acomodações e a tonelagem dos produtos que recebia em troca das mercadorias que fornecia aos seringueiros do Abunã até ponto bem profundo de território boliviano nos seringais de propriedades de brasileiros como Jayme de Alencar, Geraldo Peres, João Afro Vieira, Octávio Reis, João Haddad, Antonio Faustino Papos e o boliviano Félix Merino (Menezes, 1980, p. 156).

A partir da desvalorização do preço da borracha amazônica no mercado mundial, muitos regatões abandonaram os seringais, e buscaram exercer outras atividades alternativas com os recursos monetários que conseguiram apurar. Victor Sadeck, após deixar a atividade de mascate fluvial, investiu seus lucros em um bar e cinema mudo (acompanhado por orquestra) no povoado de Fortaleza do Abunã, importante ponto de atração e circulação de barqueiros, comboeiros, mateiros e seringueiros da região. Esses últimos, quando não dispunham de dinheiro, pagavam o ingresso no cinema com borracha, sendo que os eventuais trocos eram creditados em suas contas correntes:

O pitoresco deste cinema era que no lugar da borboleta tinha uma balança de braço para pesar borracha, produto com que se comprava a entrada do cinema e o troco quando excedia era lançado na conta corrente do seringueiro que também comprava a crédito, trabalho do qual era encarregado o guarda-livros Euclides. (Menezes, 1980, p. 156).

Por outro lado, ao lançar o excedente do troco na conta corrente dos fregueses, representava mais uma maneira de evitar que os mesmos tivessem acesso de moeda em espécie, mesmo porque, o seringueiro praticamente não lidava com dinheiro, sendo, a borracha, quase sempre, o objeto de troca nas transações comerciais necessárias à sua subsistência, principalmente em razão da constante situação de déficit do seringueiro em relação à contabilidade do barracão (conta-corrente). Ao adquirir um seringal próprio, e estabelecer um negócio no povoado de Fortaleza do Abunã, o antigo regatão livrou-se do árduo trabalho de aviar os seringueiros. Com isso, os extratores traziam a borracha diretamente ao seu estabelecimento. Essa situação também evidenciava os raros momentos de descontração e lazer, as quais a população de Fortaleza do Abunã tinha oportunidade e acesso.

Da mesma forma que o comerciante Victor Sadeck, outros migrantes comercializaram no Vale do Abunã em função da economia gomífera. O comerciante Toufic João Matny (libanês) migrou para Guajará Mirim em 1929, onde, a partir desse município, exerceu a atividade de regatão nos rios Mamoré e Guaporé. Ao auferir algum lucro se fixou em Abunã, na atividade de comerciante de gêneros alimentícios, produtos farmacêuticos e armarinhos. Posteriormente liquidou seu negócio em Abunã para se estabelecer, definitivamente, em Porto Velho, na função de comerciante.

Manoel Boucinhas de Menezes nasceu em 1887, no Maranhão e, na região do Acre, exerceu a atividade de seringueiro na colocação Santa Cruz - Bolívia. Em 1915, em território boliviano, explorou o comércio de peles de animais. Em 1917, em Guajará Mirim, se estabeleceu como comprador de borracha. Paralelamente a esta atividade, passou a mascatear (regatão) nos rios Guaporé e Mamoré. Após uma breve interrupção de suas atividades na Amazônia, por motivo de doença, viajou para os EUA em busca de tratamento, retornando para Guajará Mirim em 1927. A partir desse município voltou a exercer a atividade de regatão. Quando Guajará Mirim alcançou sua autonomia política, em 1929, Boucinhas foi nomeado primeiro Intendente Geral do novo Município. No período de 1941 a 1945, Manoel Boucinhas de Menezes exerceu o cargo de gerente da agência do Banco da Borracha em Guajará Mirim. A partir de 1945, quando deixou a gerência do citado banco, passou para a função de aviador de seringais na região.

Constantino Gorayeb foi um importante comerciante da região com estabelecimentos comerciais em Abunã e Fortaleza do Abunã. Este comerciante se estabeleceu inicialmente na Vila de Fortaleza do Abunã e, a partir da década de quarenta, transferiu seus negócios para a localidade de Abunã.

FIGURA 11 - Antigo Estabelecimento Comercial de Constantino Gorayeb na Década de 40. Atualmente Residência de D. Santinha Alencar (Esposa do Seringalista J. Alencar).



Fonte: Fotografia de Elisangela Sales de Lima, 2010.

Estes migrantes estrangeiros oportunamente exaltavam suas origens culturais, por meio da simbologia religiosa, como o exemplo da família Saul Bennesby, que destacava a estrela de Davi (símbolo Judaico) na fachada de seus estabelecimentos comerciais na Vila do Abunã (Cf. Figura 12).

Figura 12 - Estabelecimento das antigas Casas Comerciais da Família Bennesby no Distrito de Abunã às margens da BR-364.



Fonte: Fotografia de José Rubisten da Silva, 2009.

Estes comerciantes varejistas e atacadistas se instalaram nos pequenos povoados ou vilas para suprir a população local, os regatões ou seringalistas que não tinham relações comerciais diretas com as grandes casas aviadoras de Belém e Manaus.

O libanês Abdon Bichara⁹ ao chegar ao Alto Madeira, em 1908, se instalou em Santo Antônio e, posteriormente, se transferiu para a Vila do Abunã (Presidente Marques - Mato-Grosso). Para Menezes (1980), foi nesta localidade que Abdon Bichara fundou, em 1940, a firma Abdon Bichara & Filhos, tornado-se uma das Casas Aviadoras de grande porte na região amazônica. O poder econômico da família Bichara foi demonstrado na época da borracha quando construiu o Edifício Monte Líbano na cidade de Porto Velho, onde funcionou, por muito tempo, o escritório da empresa. Em 1953, parte da família retornou para Beirute, no Líbano, onde fundou um Banco Líbano - Brasiliense S.A.

A partir de 1943 a economia da região ganhou novo fôlego e a atividade de regatão tornou-se mais atrativa. A Segunda Guerra Mundial proporcionou a mobilização de um contingente considerável de comerciantes fluviais que buscaram auferir vantagens financeiras com a atividade de mascateação. Até mesmo ex-seringueiros arrendavam mercadorias e pequenas embarcações, junto aos comerciantes dos vilarejos locais para mascatear no rio Abunã. Foi com esse espírito de aventura que o entrevistado José Lima de Jesus, exerceu a atividade de regatão no rio Abunã. Segundo o mesmo, no mês de março subiu o rio Abunã para realizar a atividade de aviamento (regateio), dois dias após a partida da embarcação do seringalista Octávio Reis. Nessa época, devido ao inverno, os seringais não produziam borracha. Nessas circunstâncias, a ordem de Octávio Reis para o comandante de sua embarcação foi entregar a mercadoria

⁹ Abdon Bichara Ghosn foi um dos que trocaram o Líbano por Porto Velho, no atual estado de Rondônia, logo após a virada do século XX. No Brasil, ficaria conhecido como Abidão Bichara. Junto com dois cunhados, desceu o Rio Madeira até os povoados de Abunã e Guajará-Mirim. A empresa familiar encomendava a mercadoria, principalmente secos (grãos), de Manaus e Belém perto do final da época das chuvas. Estocava o material em um armazém no centro de Porto Velho e aguardava o início do período da seca. Quando os estoques de outras lojas já estavam esgotados, aí, sim, Bichara e seus cunhados punham sua mercadoria à venda, por um preço elevado. (Artigo - Revista de Historia da Biblioteca Nacional - Fios árabes, tecido brasileiro. Desde o início do século XX, sírios, libaneses e palestinos exercem sua astúcia comercial nos quatro cantos do país. *John Tofik Karam*).

somente mediante a contrapartida do produto (pelas de borracha). José Lima assim relatou esse fato:

(...) Aí Otávio Reis subiu [com sua] embarcação dois dias na minha frente (...). E eu tinha um batelão já de dez toneladas, eu levava mercadorias, viava[aviava] meus freguês da beira [do rio]. O resto eu vendia lá no comércio, lá na Vila Plasto [Plácido]. Ele negociava também com os comerciantes de lá da Vila (...). Aí eu subi, quando cheguei no primeiro freguês do Otávio Reis, caba [cabra]!(...). Dava isso no mês de Março, o rio alagados, seringueiros tudo parado, num fazia mais nada nessa época. Enquanto o rio tava alagado num tinha borracha não, [não] tinha produto. [E] o seringueiro tava abrindo aboca com fome. E o Otávio Reis? A ordem que o comandante levou de aviar só mediante o produto (...). Foi ficando tudo com fome, e eu fui atrás dois dia, fui só abastecendo(...). [Eu] chegava e [perguntava] “rapaz o Otávio Reis não te aviou não, não aviou? Tu quer mercadoria? Eu te garanto te sustentar no inverno e num vai faltar mercadoria pra tu, mas tu passa pra mim.” Conclusão, tomei tudinho (...).

A intenção do regatão foi conquistar os “fregueses” do seringalista Octávio Reis, dispersos ao longo do rio Abunã do lado boliviano da fronteira. Seu principal alvo era a população ribeirinha. Ao contrário dos seringueiros do lado brasileiro, essas famílias possuíam certa autonomia para negociar com o comerciante de sua preferência. O regatão assediava os “fregueses” de Octávio Reis, disponibilizando bastante mercadoria fiado, mesmo em uma época que não havia produção regular de borracha. Na oportunidade o mascate fluvial levava o seringueiro a bordo da embarcação e anotava em um caderno todos os gêneros alimentícios necessários para o consumo no inverno. A intenção era “amarrar” o extrator de toda maneira. Segundo José Lima, existia um excelente freguês de Octavio Reis que fornecia em média 12 (doze) pelas de borracha em cada viagem. Essa produção era considerada uma excelente média por família para a época. Na oportunidade, José Lima forneceu bastante mercadorias para os seringueiros que não foram aviados por Otávio Reis. Continuando sua narrativa, afirmou que:

Tinha um outro, um último freguês do Otávio Reis, chamava-se (...). Inda hoje tá vivo, tá velho, tá aposentado, soldado da borracha. Esse home entregava doze pele de borracha toda viagem que a lancha passava com embarcação do Otávio Reis. Quando baixava embarcava doze pele de borracha, setecentos e tantos quilos, e eu tinha uma sede nele rapaz! De vez em quando ele me vendia uma pelizinha, mas era um pouco fiel (...). Aí eu cheguei na casa dele a velha mãe dele gostava de mim. Puxava uma cadeira sempre pra perto dela, pra mim sentar perto dela. Eu levava um jornal, uma revista pra véia ler, ela gostava (...). Aí saía um café né? E eu fui fazendo que não sabia de nada (...). E ele [filho da mulher seringueira] sentado assim, meio capiom (...). Aí a veinha disse “ocê hoje não toma seu cafezinho de costume não (...)” Eu digo “por que, tá com tanta preguiça de fazer é?” Brinquei com ela. E ela [respondeu] “não, é porque não tem!” Eu digo “oxente! Que conversa é essa? Otávio Reis não levava café não?” Modesto! Aí ele [seringueiro] entrou [e respondeu] “levava Zé, levava de tudo, mas a orde era pra aviar só mediante o produto, e eu não tenho nada”. “Rapaz eu só tô acreditando porque sei que tu não mente, porque Otávio Reis cortar um freguês que nem tu! Mas quer dizer que tu tá sem nada?” Ele disse “tô sem nada.” digo: “tava sem nada! Vambóra pra borda [bordo do batelão].” Era isso que eu queria rapaz! Levei o cabra pra borda, cheguei lá peguei o bloco de guia, butei o nome dele. “Vamo começar, feijão quantos quilos?” Butei feijão e perguntei “quantos quilos?” Ele disse “bote dez.” [Eu respondi] “tú tá doido é? Dez quilos de feijão tu vai comer no máximo vinte dias, e minha viagem tu sabe que é de quarenta dias de uma pra outra. Tu vai passar vinte dias com fome, porque ele não te vendeu agora, não vai te vender de novo. Porque o rio só vai desalagar no começo de maio, e eu vou botar trinta (...).” Aí eu amarrei ele os quatro pé, fiz uma aviação monstra pra ele. Trinta de açúcar, trinta de feijão, trinta de arroz, abasteci o cabra mesmo! Aí eu fui me embora (...). Aí eu cheguei na Vila Plasto [Plácido de Castro], cheguei sem nada de mercadoria (...).

Essas famílias assumiram o compromisso de produzir borracha para saldar suas dívidas com José Lima. Quando chegou em Plácido de Castro (Acre) seu batelão estava vazio. Ao retornar da viagem, após quarenta dias, o comerciante fluvial foi recompensado com a grande quantidade de borracha entregue pelos seringueiros. Conforme seu relato foi necessário puxar

parte das pelias de borracha dentro d'água com bastante dificuldade, pois seu batelão não suportou o excesso de peso. Sem deixar de considerar que a produção nessa época ainda não era ideal, pois o rio Abunã estava em processo de vazante. A média de produção entregue ao regatão variava entre duas a cinco pelias de borracha por família. Tratava-se de uma produção razoável para o período. A maioria dos extratores cumpriam fielmente os compromissos assumidos com o regatão. Aos poucos o regatão foi conquistando os até então, “fieis fregueses” de Otávio Reis. Após diversas tentativas, muitos fregueses de Otávio Reis passaram a negociar com o regatão.

Como se viu, mesmo com o rígido controle exercido pelos seringalistas, existia muitas brechas para que os extratores negociassem diretamente com os regatões. Por outro lado, a negociação com os regatões foi à forma encontrada pelo seringueiro para burlar a ordem estabelecida no seringal. Ao analisar esta situação WEINSTEIN (1993) considerou que a “Forma particularmente grave de „resistência”” do seringueiro era a venda da borracha a um regatão e não ao patrão habitual do seringueiro – violação da relação patrão-cliente que os aviadores consideram muito comum. (Weinstein, 1993, p. 37). Por outro lado, para GOULART (1968), o mascate fluvial, ao contrario do seringalista, procurava ser afável com os seringueiros, pois,

Também no trato social para com o seringueiro, o regatão diferia do seringalista: era afável ao invés de rude; alegre ao invés de ríspido; conversador ao invés de reticente. Contava anedotas, fazia pilhérias, expunha casos, e não se abespinhava se algum freguês se resolvia a dizer-lhe algumas verdades. Prevalencia, para o regatão, aquele velho axioma comercial, que diz: “o freguês tem sempre razão”. (Goulart, 1968, p. 122).

Nem sempre as relações entre seringalistas e regatões eram conflituosas, pois na região do Abunã, em algumas situações, eles chegaram até estabelecer certas parcerias. Para Pedro Miguel Rodriguez (ex-seringueiro de Octávio Reis), alguns mascates da região do Abunã estabeleceram estreitas relações comerciais com o seringalista-comerciante:

(...) Isso, porque aqui tinha um bucado de regatão. Então eles saiam e pegavam a mercadoria aqui com o Otávio do Reis. E saía regateando a troco de borracha, essas coisas, pra ter dinheiro mesmo. Mas todo produto que chegava, entregava pra firma do Otávio do Reis, pagando a mercadoria que ele levou e assim ele ia (...).

Essa realidade foi possível devido à nova organização da cadeia de aviamento proporcionada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com os financiamentos recebidos das agências estatais, os coronéis da borracha ampliaram seus poderes de ação na região, tornaram-se seringalistas-comerciantes e passaram a aviar dezenas de mascates ambulantes, que por sua vez, aviavam seringais e colocações, tanto no Brasil como na Bolívia. Os recursos financeiros adquiridos junto ao Banco de Crédito da Borracha (BCB) potencializaram as atividades desses empresários da borracha que aumentaram seu poder de articulação, reestruturaram sua rede de transportes, permitindo a melhora da logística para os seringais. Mesmo cedendo certo espaço para os regatões, esses empresários-seringalistas não abriram mão de seus antigos privilégios e poderes. A nova dinâmica da exportação da borracha com a revitalização dos antigos seringais, e abertura de novas áreas de expansão da economia gomífera, parecer ter possibilitado essa situação peculiar na Amazônia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inegável foi à contribuição dos regatões na exploração dos espaços, cujo Estado brasileiro não se fez presente, para dar o suporte necessário à subsistência das populações amazônicas. Seu papel e posição no quadro da sociedade do extremo norte foi de suma importância se considerarmos os imperativos de ordem geográfica que não impediram sua atuação como protagonistas do regime comercial de trocas na Amazônia. Principalmente, em momentos de crise da economia da borracha, que afetou o sistema de aviamento e fragilizou os seringalistas.

Esses empresários, mesmo em períodos de dinamismo da economia da borracha não tinham plena capacidade logística para cobrir toda a demanda das unidades produtivas no vasto vale amazônico. Foram os regatões que deram o suporte e assistência necessária aos remanescentes do extrativismo que resistiram as crises e buscaram outros meios de sobrevivência. O mascate significou para essas populações a única alternativa de informação e contato com o mundo exterior.

O regatão se apresentou na paisagem economia e social da região como um elemento inofensivo com a intenção de conquistar a confiança das comunidades locais. Procurava satisfazer o ímpeto consumista dessas populações sem restrições materiais ou morais. Por meio dele as populações ribeirinhas tinham conexão com o mundo exterior. Acesso aos produtos industriais urbanos como objetos de trabalho e de luxo, armamentos, remédios e até bebidas alcoólicas. Esses produtos eram escassos e até inexistentes no interior da Amazônia e eram em alguns casos obstaculizados pelos seringalistas.

O processo de aculturação foi inevitável por meio dos contatos dos mascates com diferentes etnias da fronteira do rio Abunã, como exemplo a etnia Caxarari que praticava o escambo regularmente. Além de escoar os produtos dessas comunidades.

A Segunda Guerra Mundial (1939 -1945) mobilizou amplos investimentos de capital para operacionalização da Batalha da borracha na Amazônia. A reativação de antigos seringais e implantação de novas unidades produtiva atraiu inúmeros mascates fluviais que colaboram no abastecimento, mesmo sem a anuência dos seringalistas. Nessa época as relações com os seringalistas as relações eram tênues e menos conflituosas devido ao novo cenário socioeconômico da região.

No rio Abunã os regatões conviveram no mesmo espaço de operação dos seringalistas. E uma das importantes funções dos regatões foi conectar os seringais do rio Abunã e seus tributários as vilas de Fortaleza do Abunã e Plácido de Castro. Em Fortaleza do Abunã, seringalistas como Otávio Reis estabeleciam estreitas parcerias econômicas com alguns regatões de médio porte e motorizados a fim de dinamizar o abastecimento e escoamento da produção dos seringais. Por outro lado, pequenos regatões que operavam em canoas a remo circulavam livremente, desde que não infringissem o território dos seringalistas. Geralmente negociavam com seringueiros do território boliviano.

A atividade de regatão possibilitou a ascensão social de muitos estrangeiros que acabaram se estabelecendo como pequenos e médios comerciantes em cidades como Porto Velho, Guajará mirim e Rio Branco. Os mais bem sucedidos migraram para Belém ou Manaus.

REFERÊNCIAS

1. BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco-antes e além-depois**. Ilust. De Jorge Palheta e Moacir Andrade; prefácio de Artur Cezar Ferreira Reis. Manaus. Ed. Umberto Calderaro. 1977.
2. BRASIL, Ministério de Minas e Energia. **Convênio DNPM, CPRM. Relatório final**. Volume 1, 1980.
3. GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Geografando: nos varadouros do mundo (Da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira; Do seringal à reserva extrativista)**. Tese de doutorado submetida ao programa de Pós-graduação em Geografia da URFJ, Rio de Janeiro, 1998.
4. GOULART, José Alípio. **O Regatão (Mascate fluvial da Amazônia)**. Rio de Janeiro. Editora Conquista, 1968.
5. HUGO, Vitor. **Desbravadores: (minha presença em Rondônia)**. Prefácio do Dr. Jacob de Freitas Atallah. Porto Velho. ABC, 1998.
6. LEITE, Pedro Torres. **Defesa da borracha brasileira e a repressão do contrabando no Amazonas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924. 68 p.
7. MENEZES, Esron Penha de. **Território Federal do Guaporé: retalhos para a História de Rondônia**. Manaus. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.
8. SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia: 1800-1920**. T. A. Queiroz (Biblioteca Básica de Ciências Sociais; série 1: Estudos Brasileiros; v. 3). São Paulo, 1980.
9. TINHORÃO, José Ramos. **A Música popular no romance brasileiro**. (vol. II: século XX [1ª parte]). São Paulo; Ed.34, 2000.

10. TOCANTIS, Leandro. **Amazônia**: Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica. 2ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
11. TOCANTIS, Leandro. **O rio comanda a vida**. Uma interpretação da Amazônia. 9ª edição – Ed. Ver. – Manaus, 2000.
12. WEISTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia**: expansão e decadência 1850-1920. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993.